REBESCOLAR
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
ISSN 2763-7603 - Publicação Online

EDUCAÇÃO FÍSICA E AS FILOSOFIAS DA DIFERENÇA: ENCONTROS COM FOUCAULT, DELEUZE E DERRIDA

Pedro Xavier Russo Bonetto[48]

Rubens Antonio Gurgel Vieira[49]

Clayton Cesar de Oliveira Borges[50]

RESUMO

O presente estudo, através de uma discussão teórica, pretende abordar a temática das Filosofias da Diferença na Educação Física. A fim de operar uma tessitura de tal natureza, procura-se, num primeiro momento, abordar algumas pesquisas e temas gerais do encontro dessas perspectivas filosóficas com o currículo da Educação Física. Num segundo momento, busca-se delinear uma espécie de sobrevoo – de modo bastante sucinto – acerca das produções intelectuais de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, tidos como expoentes do movimento filosófico de que aqui se trata. Nesse percurso, aposta-se na possibilidade de que as investigações no campo da Educação Física inspiradas pelas Filosofias da Diferença abrem espaço para problemáticas acerca do sujeito inteiramente novas, bem como novas concepções de conhecimento.

Palavras-chave: Educação Física; Filosofias da Diferença; Currículo.

PHYSICAL EDUCATION AND THE PHILOSOPHIES OF DIFFERENCE: ENCOUNTERS WITH FOUCAULT, DELEUZE AND DERRIDA

ABSTRACT

The present study, through a theoretical discussion, intends to approach the theme of the Philosophies of Difference in Physical Education. In order to operate a weaving of such nature, we try, in a first moment, to approach some researches and general themes of the meeting of these philosophical perspectives with the curriculum of Physical Education. In a second moment, we try to outline a kind of overfly - very briefly - about the intellectual productions of Michel Foucault, Gilles Deleuze and Jacques Derrida, considered as exponents of the philosophical movement we are dealing with here. In this path, we bet on the possibility that the investigations in the field of

[48] Formado bacharel e licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), na área temática Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares. Doutor também em Educação na temática Educação e Ciências Sociais: Diferenças e Desigualdades (FEUSP). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar da FEUSP (GPEF).

[49] Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade de Lavras. Doutor em Currículo pela Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (FE/UNICAMP). Mestre em Didática pela Faculdade de Educação da USP. Membro do Grupo de Estudo Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da USP (GPEF) e do Grupo de Pesquisa, Linguagem e Práticas Corporais da Faculdade de Educação da Unicamp.

[50] Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Professor do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário São Roque. Integrante do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da FEUSP (GPEF).

Physical Education inspired by the Philosophies of Difference open space for entirely new problems about the subject, as well as new conceptions of knowledge.
Keywords: Physical Education; Philosophies of Difference; Curriculum.

INTRODUÇÃO

Durante o século XX e nas primeiras décadas do século atual, as Ciências Humanas foram impulsionadas pelas crescentes modificações tecnológicas e elevado aumento da velocidade na produção de conhecimento, se transformando intensamente e produzindo uma miríade de escolas do pensamento. Fruto desse movimento, também se modificaram áreas adjacentes como a Educação e seus componentes curriculares, dentre eles, a Educação Física. Desse modo, muitas referências teóricas têm se aproximado do campo curricular da Educação Física, especialmente depois da década de 1980 a partir da crise na área e de seu movimento renovador (NEIRA; NUNES, 2009). Nesse novo cenário, as preocupações com novas concepções, conceitos e campos teóricos igualmente ilustram o amadurecimento da área, bem como o avanço científico do componente e da necessidade de acompanhamento das problematizações contemporâneas que estão em curso na sociedade: questões como identidade, cultura, linguagem e corpo.

A par de tais transformações, este trabalho tem como objetivo perscrutar possibilidades para o componente Educação Física a partir de um "movimento" filosófico denominado Filosofias da Diferença, que designam um grupo de concepções filosóficas produzidas por pensadores/as que, em comum, participam ou inspiram a cena filosófica francesa a partir de meados do século XX. Comumente, incluem-se neste bojo Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jean-François Lyotard, Jacques Derrida, Judith Butler, Julia Kristeva, Paul Beatriz Preciado, entre outros/as intelectuais. A nomenclatura do movimento filosófico advém do quanto é caro o conceito de diferença para tais pensadores e pensadoras em seus respectivos sistemas conceituais. Entretanto, é importante deixar destacado que o termo "movimento" pode não ser muito apropriado, uma vez que cada sistema filosófico é singular e profundamente complexo, de modo que não podemos pensar em termos de uma escola unificada ou mesmo de alianças fortes entre tais intelectuais. O que temos são afinidades nos pontos de partida, algumas concepções compartilhadas, aproximações nas inspirações e uma orientação contra dominações, injustiças, opressões e outras formas de exclusão social.

Peters (2000) reforça o argumento quando explica que existem Filosofias da Diferença, no plural, para evidenciar a multiplicidade de tais sistemas filosóficos, sendo um erro, portanto, considerá-los como um movimento homogêneo. Tal aspecto pode ser melhor vislumbrados nos usos conceituais da ambiência diferencial, como a *difference*, trabalhada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a *differánce*, abordada por Jacques Derrida ou o *differend* (diferendo), de Jean François Lyotard. Sem adentrar neste momento na teorização que busca distinguir cada uma dessas concepções conceituais, interessa-nos, especialmente, tratar de algumas implicações do pensamento da diferença, ou seja, aquele que se afirma a partir das singularidades, multiplicidades, imanência e devir. Gallo (2013) reforça a pertinência da expressão em detrimento de definições como filosofia pós-moderna ou pós-estruturalismo como um meio de escapar do prefixo "pós", que apresenta certa obviedade temporal bem como remete a uma superação de temas modernos que não se justificam perante um olhar mais atento.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

No campo das pesquisas em Educação Física, a influência do pensamento das Filosofias da Diferença se multiplicou a partir do conjunto das teorias pós-críticas[51], originalmente, nas obras de Neira e Nunes (2006, 2009) – que se consubstanciam numa concepção curricular do componente intitulada currículo cultural da Educação Física – e, também, nas consequentes investigações do Grupo de Pesquisas em Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF), coordenado pelos autores supramencionados[52]. Aliás, é exatamente nessas obras que as primeiras aproximações do currículo cultural de Educação Física com as concepções filosóficas de Michel Foucault e Jacques Derrida[53].

Não obstante, a apropriação do pensamento foucaultiano no campo da Educação Física para se pensar e problematizar o campo curricular é bastante recente. Ao que parece, as primeiras publicações são resultantes das investigações de Carmen Soares[54] a partir de meados da década de 1990. Nos últimos anos, a perspectiva teórica e analítica de Foucault tem sido utilizada para o exame de temáticas diretamente vinculadas à Educação Física[55], como, por exemplo, a constituição das racionalidades pedagógicas, isto é, as condições de aceitabilidade pelas quais, num dado contexto, certos saberes foram tomados como verdade nas políticas educacionais do componente curricular, bem como as tecnologias de governo das condutas dos sujeitos pedagógicos da Educação Física – sejam eles discentes e/ou docentes – e, por conseguinte, os processos de subjetivação daí resultantes. Não é desinteressante mencionar que nas investigações levadas a cabo no GPEF, uma série de pesquisas (ALVIANO JR., 2011; GRAMORELLI, 2014; NUNES, 2011, 2016a; NEIRA; BORGES, 2018; BORGES, 2019; BORGES; NEIRA, 2020; OLIVEIRA, 2020; OLIVEIRA; NEIRA, 2019; 2021) acerca do currículo da Educação Física, tanto na educação básica quanto no ensino superior, tem se inspirado no pensamento foucaultiano.

Especificamente sobre Deleuze (e Félix Guattari), curiosamente encontramos em nossas buscas algumas citações esparsas em obras sobre a Educação Física com outros referenciais teóricos como base, muitas com enfoque crítico. Podemos exemplificar a citação sobre subjetividade a partir de Guattari e Rolnik na obra *Transformação didático-pedagógica do esporte* (KUNZ, 2014, p.113), um livro com quadro teórico apoiado em Jürgen Habermas. Um artigo intitulado *Homossexualidade: educação física e Esporte* (CUNHA JÚNIOR; MELO, 1996) citam Deleuze e Guattari somente para argumentar em defesa de uma suposta pós-modernidade. Apesar da maior aproximação filosófica, os primeiros trabalhos no seio do GPEF a citar Deleuze, também o fazem de forma tangencial e não como aliança forte (NEIRA, 2011; NUNES, 2011).

[51] A inspiração está na classificação criada por Silva (2006), em que apresenta o campo curricular dividido em três vertentes: teorias tradicionais, críticas e pós-críticas. A primeira remete ao processo de escolarização da modernidade, pensado para criar a mão de obra para a crescente sociedade fabril; a segunda trata dos primeiros questionamentos aos objetivos da escola, mais especificamente aos conteúdos e sua relação com a profissionalização submissa a uma ordem industrial capitalista; por fim, as teorizações pós-críticas, de maneira simplificada, aumentam a complexidade dos questionamentos ao relacionar saber, poder e identidade dentro de uma visão não representacional do conhecimento e não essencial do sujeito.

[52] A produção do GPEF pode ser acessada em: www.gpef.fe.usp.br. O site apresenta uma seção com centenas de relatos de experiência, o que refuta o discurso que de essas influências não chegam nas práticas pedagógicas.

[53] Gilles Deleuze e Félix Guattari também têm suas obras mencionadas nos livros apontados, porém, aparentemente, as análises apresentam uma menor densidade.

[54] Ver, por exemplo: SOARES, C. L. Educação Física: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994. SOARES, C. L. Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2001. SOARES, C. L. Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados, 2007.

[55] Utilizando os descritores "Educação Física" e "Foucault" na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), é possível acessar pouco mais de uma centena de pesquisas.

Dentro dos trabalhos apoiados nos estudos curriculares da Educação Física, a primeira aparição um pouco mais forte se encontra na obra de Santos (2016), quando usa o conceito de rizoma para problematizar a tematização de algum elemento das práticas corporais. No mesmo ano, Bonetto (2016) faz uso de Deleuze e Guattari para problematizar uma concepção didática mais aberta, criativa, vibrátil, "artistada"[56], denominada de escrita-currículo. Nunes (2018) tematiza a diferença no currículo cultural, como foco na diferença cultural, mas intentando um diálogo com a(s) filosofia(s) da(s) diferença(s). Oliveira Júnior (2017) e Neves (2018) ainda citam Deleuze e Guattari, mas aos moldes mais soltos das primeiras obras elencadas aqui. Mais recentemente, Gehres e Neira (2019) trabalharam com a cartografia para realizar uma esquizoanálise do currículo cultural, trabalho com uma presença mais intensa do citado pensamento; Vieira (2020) se apoia no conceito de diferença pura para apontar os movimentos aberrantes (LAPOUJADE, 2015) dos fundamentos do currículo cultural. Por fim, Bonetto (2021) utiliza um quadro teórico apoiado em Foucault e Deleuze para pensar "esquizoexperimentações" curriculares com a Educação Física escolar.

Se, como observamos, as pesquisas com Foucault e Deleuze ainda são poucas no nosso campo, com Jacques Derrida, há menos estudos ainda. Inspirados no filósofo franco-magrebino, Neira e Nunes (2006, 2009) teorizam sobre a linguagem, bem como as noções de significação, texto, desconstrução e diferença. De acordo com os autores, com Derrida, os processos de significação se dão a partir de uma concepção fluída, baseada na indeterminação e na incerteza, resultante apenas de um processo de produção cultural e social. Além das obras acima mencionadas, em texto recente, Nunes (2016b) se dedica a descrever especificamente acerca das diferentes significações do conceito de diferença, levando em consideração as perspectivas de Jacques Derrida, Ernesto Laclau, Stuart Hall e Michel Foucault.

Como se vê, qualitativamente, as influências deste referencial no campo pedagógico ainda são bastante dispersas e de difícil mensuração, todavia, cada vez mais nos deparamos com termos e conceitos oriundos dessas filosofias incorporadas nas pesquisas em Educação Física. Dessa maneira, o presente artigo empreende uma apresentação introdutória dos referidos/as intelectuais e alguns de seus conceitos, a fim de ilustrar alguns movimentos epistemológicos possíveis e, porque não, inspirar e movimentar novas pesquisas e experiências pedagógicas com o componente.

MICHEL FOUCAULT E A PRODUÇÃO HISTÓRICA DAS DIFERENÇAS

Michel Foucault (1926-1984) foi um controverso e popular filósofo francês que integrou o célebre *Cóllege de France*[57] de 1970 até 1984, ano de sua morte. Suas obras impactaram profundamente o campo das ciências humanas, com obras entre as mais referenciadas até os dias atuais. Ao longo de seu percurso intelectual, Foucault buscou, de modo geral, explicitar e problematizar, por intermédio dos mais diversos arquivos históricos, as rupturas e descontinuidades pelas quais a verdade e o sujeito são constituídos. Em outros termos, efetuou uma analítica das formas históricas que conformam o nosso presente. Suas análises atravessaram diversas áreas de conhecimento, de modo que, em *Foucault revoluciona a história*, Paul Veyne

[56] Conceito cunhado por Sandra Mara Corazza e destacado na obra *Artistagens – Filosofia da Diferença e Educação*. São Paulo: Autêntica, 2007.
[57] É o maior órgão público de pesquisa científica da França e uma das mais importantes instituições de pesquisa do mundo.

(1998) considera que o que Foucault fazia era uma história da filosofia e uma filosofia da história. Além de transpassar várias áreas de conhecimento, o filósofo francês também muda a orientação de suas pesquisas algumas vezes. Não por acaso, dirá em *A arqueologia do saber*: "não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil, ela rege nossos papéis. Que ela nos deixa livre quando se trata de escrever" (FOUCAULT, 2008, p. 20).

Por conta dessas modificações, costuma-se falar em três domínios ou eixos da obra foucaultiana, isto é, a perspectiva analítica do pensador é comumente dividida – numa espécie de organização didática – em arqueologia, genealogia e ética ou genealogia da ética por alguns teóricos. Em comum, o filósofo francês vai tentar compreender como nos constituímos enquanto sujeitos por meio de discursos e de práticas. Mais especificamente, ele procurou produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. Primeiramente, Foucault faz isso, na arqueologia, examinando como o sujeito é objetivado pelos saberes oriundos das ciências humanas. Em seguida, na genealogia, temos o sujeito como produto das relações de poder-saber e, por fim, encontramos na sua genealogia da ética[58], o sujeito com uma relativa "autonomia" e capaz de constituir a si mesmo. Pois bem, considerando esses domínios ou eixos da obra foucaultiana supracitados, pretende-se neste tópico delinear uma espécie de sobrevoo – de modo bastante sucinto[59] – sobre a obra de Foucault, mais especificamente, em torno dos procedimentos investigativos que atravessam suas produções.

As primeiras investigações, que compreendem as publicações da década de 1960, como *História da loucura* (1961), *Nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966) e *A arqueologia do saber* (1969) são apresentadas por Foucault como uma arqueologia. É bem verdade que não há, de fato, uma unidade nessas pesquisas arqueológicas efetuadas ao longo da década de 1960, tendo em vista que cada uma delas apresentou particularidades quanto ao objeto estudado, variações de seus princípios e, ainda "correções e críticas internas" (FOUCAULT, 2008, p. 18). Todavia, em linhas gerais, a arqueologia procurou demonstrar as condições históricas de surgimento das ciências humanas e demais saberes em vias de cientifização que se constituíram no século XIX. Para tanto, o filósofo francês procura identificar as regularidades e descontinuidades de determinados saberes. Em *História da loucura*, por exemplo, descreve três grandes experiências históricas da loucura. Foucault (1972) aponta que a loucura nem sempre foi considerada uma patologia, portanto, esta não é um objeto natural, existente desde sempre e esperando para ser entendida pelo homem, mas uma criação do próprio homem.

Segundo Foucault (1972), na Idade Média, a loucura era aceita socialmente, mesmo com suas particularidades. O louco era visto como uma pessoa exótica, mística e podia circular livremente. No final da Idade Média e início da Renascença, no entanto, o louco começou a se tornar um problema social – considerado alguém irracional, desprovido de razão – e, então, passa a ser expulso da cidade. É por volta do século XVII, na Idade Clássica, que o louco passa a ser enclausurado nos Hospitais Gerais, juntamente com prostitutas, criminosos, leprosos, homossexuais, desempregados etc. Nesse contexto, a internação não era propriamente uma demanda médica, mas assistencial, ou seja, o propósito era segregar todos aqueles que não eram

[58] Sabe-se, contudo, que há objeções acerca da chamada fase ética foucaultiana. Kraemer (2018), por exemplo, considera inapropriado pensar a ética como conceito metodológico e propõe que faria mais sentido falarmos num Foucault da governamentalidade quando se trata dos seus últimos trabalhos.

[59] Vale mencionar que a descrição dos domínios metodológicos aqui empreendida se posiciona distante de qualquer pretensão à sistematização e percurso de todas as inúmeras obras e conferências ministradas por Foucault.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

produtivos para a sociedade. O louco, portanto, era considerado um perturbador da ordem pública. Somente no século XIX o louco é separado dos demais "anormais" e internado em hospícios e passa a ser pensada definitivamente enquanto doença mental, perturbação psicológica, uma questão médica e passa a ser o centro das atenções da Psiquiatria e da Psicologia (FOUCAULT, 1972).

Como se pode entrever, a loucura passou por diversas rupturas, ou melhor, o entendimento do que é a loucura apresenta descontinuidades. Apesar de todo esforço empreendido em suas pesquisas arqueológicas, Foucault percebe que elas não davam conta de responder porque alguns saberes se tornavam científicos e outros não, porque que alguns saberes eram legitimados e outros desqualificados, mesmo que seguissem certo procedimento necessário para validação científica. É então que Foucault introduz a questão do poder para compreender porque alguns saberes são aceitos. Foucault vai tentar estabelecer a relação entre o surgimento das ciências humanas e o aparecimento de novas tecnologias de poder.

Então a partir da década de 1970 se iniciam as pesquisas propriamente genealógicas de Foucault, que resultam em diversos cursos e obras[60]. Na genealogia, a ênfase da constituição do saber e suas transformações se desloca para as preocupações com a problematização do poder em suas amarrações com o saber. Foucault vai dizer que aquilo que é conhecido ou convencionado como uma verdade supostamente neutra constitui efeito da vontade de verdade observada na articulação entre técnicas de poder e estratégias de saber.

A concepção de poder em Foucault, importa destacar, difere da noção de poder localizável, como na explicação marxista do poder que atua exclusivamente via aparelhos do Estado. Foucault (2005) assinala que o poder está presente em todas as relações entre sujeitos e são da ordem de um poder microfísico, espalhados por todo o corpo social. Dessa perspectiva, há poder em qualquer relação social, qualquer relação entre pessoas: mãe e filho, professor e aluno, patrão e empregado etc. Isso não significa, certamente, desconsiderar o poder estatal, ou seja, o entendimento de que as instituições do Estado também exercem um poder.

Possivelmente a obra mais conhecida dessa fase genealógica é "Vigiar e punir: o nascimento da prisão". Nessa publicação, Foucault (1999) novamente se refere às descontinuidades, ao reportar o que ele denomina de sociedade disciplinar, que se dá na passagem do século XVII para o XVIII. Explica o filósofo que até o século XVII, as formas de punição aos criminosos eram baseadas nos suplícios públicos e violentos – um espetáculo em que o condenado era esquartejado em praça pública. Essa era uma sociedade de soberania, ou seja, uma sociedade de um poder soberano, de um monarca que determinava quem vivia e quem morria.

No século XVIII, por sua vez, os espetáculos de tortura são substituídos por outra forma de punição – a prisão. É preciso dizer que já não se trata mais de uma sociedade de soberania, mas uma sociedade que começa a se delinear sob o formato de Estado-nação. Em vez de poder soberano, poder disciplinar baseado em uma razão de Estado. O sistema penal se desloca então de uma perspectiva de vingança para uma perspectiva de defesa da sociedade burguesa. O aprisionamento é uma punição que visa atingir não propriamente o corpo do condenado, ou melhor, atinge certamente o corpo, mas também a sua "alma", intentando transformar a sua conduta (FOUCAULT, 1999).

[60] A ordem do discurso (1970); Aulas sobre a vontade de saber (1971); Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão (1973); Em defesa da sociedade (1975); Vigiar e punir (1975); História da sexualidade: o nascimento do saber (1976); Segurança, território, população (1978); Nascimento da biopolítica (1979).

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis e úteis", para fazer uso da conhecida expressão de Foucault em *Vigiar e punir*. Para exercer o disciplinamento dos corpos, é preciso que os sujeitos estejam dispostos em um quadriculamento, ou seja, em um espaço cercado em que eles possam ser vigiados, examinados e, caso necessário, punidos. Aqui talvez valham dois pequenos alertas: em geral, costuma-se conceber o poder como algo negativo, que reprime, que proíbe. Para Foucault, o poder é isso, mas também é uma instância produtiva, ou seja, o poder produz saber, assim como os saberes produzem novas relações de poder. Saber e poder estão, pois, intimamente relacionados na teoria de Foucault. Ademais, outro aspecto da teorização foucaultiana sobre o poder é o de que onde há poder, há resistência, portanto, a resistência é o outro termo das relações de poder. Resistência e poder, nesse sentido, são igualmente indissociáveis em Foucault (1999).

Além da arqueologia e da genealogia, há um outro domínio dos estudos de Foucault, conforme mencionado, chamado de ética ou genealogia da ética[61]. Em tais investigações, Foucault vai se preocupar com a questão da subjetividade ou o modo como nos constituímos como sujeitos. O sujeito, na ótica foucaultiana, não é um universal, algo dado de antemão, o sujeito é fabricado, construído, produzido e, para isso, existem técnicas, que ele vai denominar "técnicas ou tecnologias de si" (FOUCAULT, 2004). A Educação Física, por exemplo, pode ser compreendida como uma dessas ferramentas de constituição das subjetividades.

Nessa última fase de pensamento, Foucault (2006, 2010) recorre a uma série de textos da Antiguidade greco-romana e se dedica, principalmente, ao conceito de cuidado de si. O cuidado de si seria uma espécie de trabalho ético que o sujeito realiza sobre si mesmo, também chamado arte de viver. O cuidado de si se dá através de exercícios e práticas como registros em cadernos, meditações, cuidados com a dietética, com a sexualidade e com o corpo.

Em um primeiro olhar, poderíamos pensar que, se o cuidado de si se trata de um cuidado com o corpo e com a dietética, então a Educação Física como tradicionalmente a conhecemos exercitaria esse cuidado de si pontuado por Foucault. No entanto, Foucault (2006, 2010) vai estabelecer uma série de diferenças dessas práticas com as nossas práticas contemporâneas. Segundo o autor, nossas práticas contemporâneas se baseiam, mormente, numa espécie de narcisismo, num individualismo que tem por objetivo somente o brilho do "eu próprio". Esse cuidado de si individualista seria para Foucault apenas a reafirmação da lógica mesma da sociedade neoliberal que nos encontramos. O cuidado de si dos gregos antigos não é um cuidado individualista, já que demanda um cuidado com o outro também.

Vale destacar que Foucault não recorre ao modo de vida dos antigos para propor algo semelhante na atualidade, mas tão somente para apontar que outros modos de vida são possíveis de serem criados. As práticas relativas ao cuidado de si examinadas pelo filósofo tinham uma preocupação ética, que é diferente de uma moral – que pressupõe um conjunto de regras e leis pré-estabelecidas a que todos devem obedecer. A ética não é marcada por uma lei geral, mas um procedimento em que o próprio sujeito busca para si a melhor forma de viver (FOUCAULT, 2017). Agir eticamente, nesse sentido, significa agir segundo sua própria reflexão, agir com temperança de acordo com os acontecimentos que lhe sucedem, sejam eles positivos ou negativos.

[61] Compreendem os cursos: Do governo dos vivos (1980); Subjetividade e verdade (1981); Maldizer, dizer verdadeiro (1981); A hermenêutica do sujeito (1982); O Governo de Si e dos Outros (1983), O Governo de Si e dos Outros: a coragem da verdade (1984); além da publicação do segundo e terceiro volume de sua História da sexualidade, de 1984.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

A descrição aqui sucintamente arrolada deu a ver que o gesto arquivístico foucaultiano consiste, de modo geral, numa analítica que engloba as problemáticas, ou melhor, as regularidades, descontinuidades e rupturas concernentes aos saberes, ao governo das condutas e aos processos de subjetivação. Em outros termos, refere-se à produção histórica das diferenças.

GILLES DELEUZE E A DIFERENÇA PURA

Gilles Deleuze (1925-1995), nasceu em Paris, estudou filosofia na Sorbonne, onde obteve o Diploma de Estudos Superiores em 1947. Entre 1948 e 1957 lecionou nos liceus de Amiens, Orléans e no Louis-Le-Grand, também em Paris. Trabalhou como assistente em História da Filosofia na Sorbonne entre 1957 e 1960, e foi pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS[7]), até 1964, ano em que passou a lecionar na Faculdade de Lyon. É autor de obras como *Diferença e repetição* (1968)*, Lógica do sentido* (1969)*, Cinema 1- A imagem-movimento* (1983)*, Cinema 2 - A imagem-tempo* (1985) *e Crítica e clínica* (1993).

A obra de Deleuze (2018) sobre Nietzsche foi um dos momentos inaugurais desta forma de pensar na França, mas o filósofo não se limitou aos textos nietzschianos e também realizou importantes estudos sobre Hume, Kant, Bergson, Nietzsche, Espinosa e Foucault, entre outros. Em cada um desses projetos, o jogo de produção da diferença em oposição à uma dialética hegeliana se destaca. Mas, como funcionava o conceito de diferença para Deleuze? Arriscaremos alguns argumentos para chegar no conceito de diferença pura.

A filósofa Regina Schöpke realiza na sua obra *Por uma filosofia da diferença: Deleuze, o pensador nômade* (2012) uma genealogia conceitual sobre a diferença partindo do ponto de que o filósofo francês reforjou a ideia de diferença, aos moldes anunciados no livro *O que é a filosofia*? (DELEUZE; GUATTARI, 2010). A argumentação da autora se inicia na afirmação de Heráclito acerca da eterna renovação do devir universal, movimento sem fim das coisas que estão no tempo, que culmina na proposição que o próprio ser torna-se movimento e puro devir. Na clássica contraposição filosófica, Parmênides refuta de pronto tal pensamento – o que faz sentido uma vez que este outro pensador grego é célebre na sua defesa da identidade, em uma filosofia que aponta nossos sentidos como geradores da ilusão do movimento e que defende a essência do ser. O pensamento deleuziano é geofilosoficamente próximo de Heráclito na medida em que sua ideia de diferença não trata de algo passível de ser capturado na materialidade do corpo, mas na virtualidade de seu devir.

Novamente com Schöpke (2012), podemos entender Deleuze como um pensador nômade, que prioriza as relações em detrimento de termos, com produções que almejam o "entre", o interstício. Nômades, em oposição aos sedentários, são aqueles que buscam a imanência e não a transcendência metafísica, o que causa uma ruptura com a representação filosófica clássica com o intuito de liberar a atividade intelectual de sua função meramente recognitiva, fazendo do pensamento uma potência de criação. Para Gallo (2015a, p. 189), o que está em disputa

> [...] é o embate entre dois projetos filosóficos muito antigos: pensar o mundo como identidade (registro da representação), projeto que se tornou hegemônico no ocidente; ou pensar o mundo como diferença (registro da multiplicidade), projeto que ficou marginalizado.

Ao tangenciar o problema do ser em toda a sua obra filosófica (quase uma "ontologia") pela ótica do devir, Deleuze torna a questão da diferença um ponto central do seu pensamento. A diferença pura é aquilo que caracteriza a univocidade do ser, não compreendido aqui como o ente moderno, muito pelo contrário, afirmando uma única voz para uma multiplicidade de seres.

> [...] noção de diferença – que será pensada em si mesma e não mais como diferença numérica ou específica. Em outras palavras, será pensada em sua forma pura e insubmissa aos liames mediadores da representação – que tendem a submeter a diversidade dos seres à identidade plena de um conceito geral e abstrato (SCHÖPKE, 2012, p. 16).

Isso é diferente do *Uno* espinosista, pois não há um único ser que seria Deus, mas múltiplos seres afirmando suas diferenças – multiplicidade. Para reforçar tal argumento, trazemos Michael Peters quando este afirma que Deleuze fixa-se na ideia diferença como um elemento característico que permite substituir a filosofia de Hegel pelas marteladas de Nietzsche, priorizando os "jogos da vontade de potência" ao invés do "trabalho da dialética" (PETERS, 2000, p.32). É dessa forma que conceitos de Nietzsche como vontade de potência e eterno retorno ganham muita força na obra deleuziana, precisamente pelo potencial criador e resistente à racionalidade científica da modernidade. Nesse sentido, o modo de operação deleuziano pode ser mais bem nomeado de procedimento, não se tratando de uma metodologia, devido à ênfase contra a identidade e a representação (MACHADO, 2009).

Em seu procedimento, Deleuze se aventurou via "roubos" filosóficos na criação de diferentes versões de filósofos clássicos, em discussões acerca de cinema, artes, literatura... O resultado dessa busca pela diferença se traduziu em textos que elegem o pensamento sem imagem como alvo e refutam a representação, se caracterizando como um pensador das singularidades e, talvez mais do que qualquer outro, um intelectual que buscou diferenciar o pensamento do puro ato recognitivo – pois pensar é produzir o novo, enquanto que conhecer (ou reconhecer) seria assumir aquilo que já foi pensado anteriormente por outros. Logo, há uma distinção entre pensamento (produção do novo) e razão instrumental (recognição) – e a diferença somente pode ser produto do primeiro. Razão aqui se refere à representação clássica, que funciona como uma prisão da diferença, sujeitando a uma identidade em forma de conceito, analogia sob judice (SCHÖPKE, 2012).

Para Simone Gallina (2008), o erro fundamental dos que defendem filosofias cunhadas a partir de universalidades é se apoiarem na identidade e representação, o que solapa o processo diferencial. Para a autora, a maneira de pensar deleuziana é:

> [...] com a reconstrução de uma imagem do pensamento na qual o pensar se funda no pensamento mediante um encontro com o impensável, com aquilo que força a pensar. Deleuze inaugura um itinerário novo ao propor pensar um pensamento sem imagem. Desse modo é possível operar com um sentido de diferença que não se subordina à identidade, mas que a diferença seja acompanhada de um pensamento que ao invés de subsumir a recognição encontra sua medida na capacidade crítica e criadora (GALLINA, 2008, p.10).

Este movimento do pensamento que privilegia a diferença gera um pensamento criador de possibilidades que privilegiam a multiplicidade de significados. De outra maneira, as exigências

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

da representação aprisionam qualquer diferença no domínio da generalidade, que por sua vez exclui qualquer aspecto que se distancie da ordem instituída. Nesse processo, a diferença se torna inimiga do ato de pensar, sendo a razão instituída a juíza dos valores definidos e o conhecimento se torna unicamente recognição.

Reconhecer, ainda que seja uma potencialidade do pensamento e uma das faculdades importantes da cognição, não pode cumprir com todos os anseios do corpo, que pede por criação, por novas composições. Para Deleuze (2006), a potência máxima do pensar é o ato criativo que irrompe na identidade, cingindo mundos criados por imagens dogmáticas. O dogmatismo é guiado por três teses: o ato de pensar como algo natural direcionado por forças que são binariamente alocadas como bem e mal – o natural é seguir o bem; o corpo perverte as forças naturais do pensamento, corrompe sua benignidade, logo deve ser combatido; a busca por metodologias que guiem a busca pelo bem, evitando erros e corrigindo imperfeições. Esta orientação moralista da filosofia faz do pensamento não somente mera recognição, como impede de funcionar a faculdade que permite a transvaloração imanente – criação de valores singulares. Este é o maior projeto deleuziano, de certa forma herdeiro de Nietzsche: lutar contra a imagem do pensamento que carrega consigo as correntes da moral, e para isto direciona suas armas conceituais contra qualquer ideia de verdade absoluta.

Ainda com Gallina (2008), em sua leitura da obra deleuziana, ao acabar com a doxa[62], a filosofia ocidental clássica acabou por torná-la universal, simplesmente aumentando a complexidade de postulados presentes no senso comum. Ora, se a potência máxima do pensamento serve justamente para refutar o medíocre presente nas possibilidades do pensamento circunscrito ao espaço da recognição, pensar não pode ser compreendido como algo natural ou mero ato de identificação de ideias pensadas por outros.

Pensar, a partir de Deleuze, deve ser almejado como um momento de imensa força que abre veredas por entre as barricadas racionais, abrindo espaço para o não pensado, um acontecimento que resulta na criação de algo inexistente previamente. Desta forma, o novo não está no espectro dos valores criados por outrem, mas se trata de algo único, unívoco e múltiplo, concomitantemente. Desta feita, o novo pode ser compreendido como algo seletivo, invulgar (sem arrogância), selecionado pela vontade de potência. Eis aqui a pista para sucumbir o projeto platônico da identidade.

O novo é algo extremamente importante na reversão da filosofia representacional como bem nos apontou Nietzsche e Deleuze, mas nem por isso se trata de tarefa simples, afinal, reconhecer é bem mais fácil do que criar. Quem nos ajuda a entender a dificuldade de escapar de tal armadilha é Regina Schöpke ao explicar como a ideia de generalidade opera em oposição à repetição no pensamento deleuziano:

> Um objeto singular é, estritamente falando, um objeto único e insubstituível. Neste sentido, todos os seres são singulares. Mas, no que concerne às leis da natureza, todos os objetos participam de "leis menores" de organização (como as que regem os gêneros e as espécies). Nesse ponto, cada ser é um objeto particular. O reino das generalidades é aquele que

[62] Crença comum ou opinião popular em grego.

> engloba todos os seres, tanto quanto os seus termos, já que eles se equivalem (SCHÖPKE, 2012, p. 34).

As ordens da generalidade são a semelhança entre os sujeitos e a equivalência entre os termos dos objetos particulares, o que cria certa linguagem geral. Isto é típico da atividade científica, por exemplo, e se afasta de uma forma de comunicar pela repetição. Assim, generalidade e repetição não são sinônimos, uma vez que esta última é uma transgressão a qualquer generalidade. Ao considerarmos a repetição como da ordem da diferença, estamos dizendo que, mesmo que pareça aos olhos do geral a mesma essência, o que vem é sempre algo novo. Por exemplo, podemos olhar para cada partida de futebol como a mesma coisa, se prestarmos atenção nas regras, técnicas utilizadas, resultados. A variação é pequena, um dia um time ganha, outro dia outro, outro dia um empate, mas a ordem é a mesma. Pelo viés da repetição, cada instante dentro de um jogo é profundamente distinto do próximo, dentro do mesmo jogo, quiçá em outras partidas. Há repetição, mas o que se repete é a diferença. É desta forma que em Deleuze o conceito de repetição trata sempre da diferença pura.

De forma parecida, singular e individual tampouco são sinônimos, pois não são os indivíduos que retornam (o que pressuporia a existência de uma essência de sujeito), e sim as singularidades, acontecimentos que comandam o surgimento do indivíduo. O campo das singularidades, por sua vez, não remete à filosofia da consciência nem ao absoluto caos, ao relativismo, à indeterminação absoluta, mas justamente o que se apresenta no "entre", aquele espaço de movimento das forças que criam a existência – o que Nietzsche chama de mundo dionisíaco ou vontade de potência, e que Deleuze denomina de fluxo de energia (MACHADO, 2009).

É neste sentido que representar significa a contenção dessa energia imprevisível. O que a representação faz então é tentar transformar a diferença ontológica em diferença conceitual, como forma de torná-la acessível ao pensamento, passando por uma prova de seleção que objetifica a diferença em materialidade sensível passível de ser manipulada. Todavia, em Deleuze, a diferença pura é objeto do pensamento, de modo que qualquer identificação sensível é uma artimanha da representação que não se desliga do princípio de identidade.

JACQUES DERRIDA E A *DIFFÉRANCE* DO TEXTO

Jacques Derrida (1930-2004) nasceu em El Biar, na Argélia. Em 1949 mudou-se para a França e em 1952 iniciou o curso superior de filosofia na École Normale Supérieure (ENS). Tornou-se professor em 1959, na escola secundária de Le Mans, até 1960 quando transferiu-se para Sorbonne. Posteriormente, em 1964, voltaria para a École Normale Supérieure de Paris ocupando o cargo de diretor de pesquisas, junto com o renomado Louis Althusser. Entre os anos de 1984, Derrida revezou-se entre a École des Hautes Études em *Sciences Sociales* em Paris e a Universidade da Califórnia, onde era também diretor do arquivo de manuscritos. Foi um intelectual de intensa produção, com mais de oitenta obras, dentre as quais, destacam-se *Gramatologia* (1963), *Margens da Filosofia* (1972), *Escritura e Diferença* (1979) e *O animal que Logo sou* (2002).

De forma bastante introdutória, é possível mencionar a sua filosofia como uma das principais referências da corrente teórico-crítica denominada de Desconstrução (ou

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

Desconstrutivismo), pois produzem um importante abalo no pensamento metafísico ocidental, considerado logocêntrico e dominador. De acordo com Pedroso Júnior (2021), ao proporcionar questionamentos, deslocamentos, re-alocações de conceitos que eram considerados canônicos, Derrida produziu um abalo na hegemonia dos discursos (em especial na literatura e filosofia), já que qualquer discurso que visasse à verdade era colocado na berlinda.

> Diante disso, não nos causará estranhamento que a Desconstrução, ao interrogar incansavelmente os diferentes discursos que pretende decompor, operará, muitas vezes, no terreno da ambivalência, da duplicidade e da dubiedade, pois não incorrerá em reducionismo diante das oposições binárias com as quais a metafísica ocidental está acostumada a operar, sobretudo se considerarmos que será frequente, nos trabalhos desconstrutivistas empreendidos por Jacques Derrida e seus seguidores, o emprego de termos como "nem um .... nem outro", "ao mesmo tempo", "por um lado. . . por outro...", longe de se apresentarem como sinônimos de indecisão e/ou imprecisão, o que o emprego desses termos coloca em destaque é a necessidade de se pensar as oposições dialéticas numa oposição horizontal e paritária, não em escalas hierárquicas, como a metafísica o fazia (p. 11).

Um dos maiores ataques derridianos se dá contra a metafísica. Para o filósofo, a tradição ocidental acostumou-se a posicionar as coisas a partir de uma dicotomia dualista, que promove a ideia de um significado que ele chama de *transcendental*, aquele que existe em si próprio, independente do sistema conceitual ou linguístico. Dessa forma, para Derrida, é necessário estar atento para toda suposta presença de um sentido original, auto idêntico, preexistente à condição de ser referido por uma palavra ou por um "significante". Entretanto, com Derrida, trata-se de inverter a hierarquia conceitual metafísica dando um olhar especial a tudo aquilo que se encontra na posição de subordinado e, ao mesmo tempo, deslocar o termo de uma oposição conceitual marginal para o centro. Propondo um movimento denominado de *duplo-viés*, tal filosofia não opera com a noção de escolha de "ou um ou outro", mas, sim, de concomitância ou *simultaneidade*.

Nessa perspectiva, uma vez desfeita a ilusão da presença prévia e soberana do significado, o que vem à tona é a cadeia referencial de significantes, ou seja, a *escritura*. E é por isso, portanto, que a desconstrução do "conceito" de linguagem passa, necessariamente, pela desconstrução do signo.

> Derrida mostra que a teoria da diferença em Saussure — na língua só existem diferenças: o signo é desprovido de *conteúdo*, isto é, só existe enquanto signo porque se diferencia de outros signos contíguos no interior de um paradigma — encerra em si mesma uma crítica vigorosa do logocentrismo ou metafísica da presença. Derrida considera que o signo é sempre o suplemento de si mesmo (CEIA, 2009, p. 1).

Nessa toada, Derrida abandona o termo "significante" e passa a mobilizar o termo "rastro", ilustrando assim que não há significado transcendente, muito menos um significante, uma vez que esse só se garante a partir do lugar que ocupa numa cadeia de diferenças. Sobre o conceito de diferença em Derrida, a *différance*[63], trata-se de um movimento ou jogo da escritura em relação ao

[63] O termo cunhado por Derrida, propositadamente pronunciável da mesma forma nas expressões *différance* e *différence*, alude mais ao duplo movimento de *différer*, ou seja, diferir, ser dissemelhante, retardamento e adiamento.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

rastro[64]. Nas palavras de Derrida, "não existe a experiência da presença pura, mas apenas correntes de marcas diferenciais" (DERRIDA, 1991, p. 318).

> Tudo no traçado da diferença é estratégico e aventuroso. Estratégico porque nenhuma verdade transcendente e presente fora do campo da escrita pode comandar teologicamente a totalidade do campo. Aventuroso porque essa estratégia não é uma simples estratégia no sentido em que se diz que a estratégia orienta a tática a partir de um desígnio final, um telos ou um tema de uma dominação, de um controle ou de uma reapropriação última do movimento ou do campo (DERRIDA, 1991, p. 38).

Em suma, é possível descrever a filosofia derridiana como um golpe na tradição metafísica ocidental, caracterizada pelo signo binário, monosêmico, fechado, imutável, assim como os modelos de linguagem estruturalistas que postulam relações fixas entre signos-significantes e significados. Com Derrida, o texto deve ser lido considerando um certo contexto, e através das correlações que eles estabelecem com outros textos e significantes anteriores, resultado de interpretações subjetivas, condicionadas historicamente, cujo sentido é sempre provisório.

IMPLICAÇÕES NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Peters (2000) afirma que Nietzsche foi uma enorme influência em autores como Foucault, Deleuze, Derrida, entre outros, de modo que as Filosofias da Diferença podem ser vistas como respostas filosóficas às pretensões científicas das ciências humanas do século XX, principalmente após o "combustível" nietzschiano que, em suas obras, questiona os pressupostos de racionalidade humana, essências verdadeiras e qualquer moral estabelecida em cima de tais conceitos. Diante disso, os filósofos da diferença entendem o significado de forma não essencial como construção permanente, altamente dependente do contexto, imerso em relações de força - um posicionamento altamente questionador de qualquer universalidade. O resultado em comum é o fato de que todos os três apresentam forte oposição aos discursos totalizantes, aqueles que são estabelecidos mediante apagamento das diferenças em relações de poder mediante o estabelecimento das identidades das coisas.

A centralidade do conceito de diferença, mesmo que a partir de sistemas filosóficos distintos, abre problemáticas inteiramente novas para questões filosóficas clássicas. Novamente adotando como prisma o tom geral das obras, ainda que isso não caracterize uma unidade, autores como Deleuze, Foucault e Derrida provocam, cada um à sua maneira, implicações importantes para o campo da Educação e, consequentemente, para a Educação Física. Focalizando apenas em dois desses encadeamentos, destacamos que o conceito de diferença abre espaço para: *a) problemáticas do sujeito inteiramente novas; b) novas concepções de conhecimento;* que, por sua vez, incidem diretamente sobre as visões curriculares e inspiram práticas pedagógicas com importantes diferenciações.

[64] De acordo com Ceia (2009) não se trata de um termo, conceito novo ou modelo de análise, o que desafia desde logo a sua inscrição em qualquer dicionário, porque isso significa limitar a sua significação.

Sobre o primeiro efeito mencionado, é possível argumentar com Peters (2000) que a(s) filosofia(s) da(s) diferença(s), não destituíram o sujeito filosófico, mas reabilitou-o ao descentrá-lo e, ao adotar um rigor outro, recolocá-lo em toda a sua complexidade histórica e cultural. As experiências com a perspectiva pós-crítica de Educação Física parecem estar alinhadas com tal pressuposto ao demonstrar certa desconfiança em anunciar a produção de um tipo de subjetividade totalizante, estável, coerente e duradoura. Isso porque, nessa perspectiva curricular, considera-se que qualquer prática de subjetivação é uma produção complexa, contextual, provisória e que não pode ser mensurada de forma exata. Isso não quer dizer que as práticas pedagógicas não almejam determinados traços subjetivos (BONETTO, 2021), tampouco possuam uma intencionalidade articulada com contextos macropolíticos – a questão é colocar sob suspeição o sujeito da educação moderna e reconhecer o ato docente como uma das forças atuantes no processo pedagógico, e não o compreender como uma relação de causa e efeito controlável, aos moldes científicos positivistas (VIEIRA, 2020).

Podemos citar, de passagem, mais alguns exemplos de experimentações teóricas que colocaram em xeque as perspectivas tradicionais de sujeito a partir do alinhamento da Educação Física com as Filosofias da Diferença: Borges (2019), em denso estudo sobre as subjetividades do currículo cultural, deparou-se com questões de governo, verdade e subjetividade. Para o autor, a partir dessa concepção, produzem-se duas tecnologias pedagógicas do eu. Como estratégias de governo das condutas, essas duas qualidades se entrecruzam, engendrando o que ele denominou de subjetividades democráticas e subjetividades multiculturais; Duarte (2020) em investigação de campo na Educação Infantil aponta que a Educação Física pós-crítica se compromete com o engendramento de subjetividades solidárias, democráticas, multiculturais, não machistas, não fascistas, não racistas e não autoritárias; nessa esteira, Bonetto e Vieira (2021) afirmam que o currículo pós-crítico pode ser uma alternativa para potencializar subjetividades não-fascistas, uma vez que não apenas reconhece, como promove, e afirma diferentes modos de existência e processos de singularização das subjetividades.

Em relação à segunda implicação, acerca da natureza filosófica do conhecimento a partir das Filosofias da Diferença, em conjunto com o descentramento do sujeito autônomo racional da filosofia liberal – agora compreendido como construído entre forças desejantes e socioculturais – , o conhecimento também deixa de ser uma realidade no sentido mais duro, reflexo de um verdadeiro pronto para ser descoberto, passando a ser algo construído em relações de forças sempre contextuais, contingentes, históricas, imanentes. Como resultado, o que entendemos por conhecimento se tratam de discursividades que se engendram em jogos de produção de verdade (ou regimes de veridicção, como afirmava Foucault). Retomando a discussão deleuziana acerca da diferença pura, percebe-se que não há qualquer essencialidade, seja ela no conhecimento, sujeito, corpo, linguagem[65]... e currículo! Eis nosso mote para conectar com a Educação e, de forma contínua, com a Educação Física.

A partir de Silva (2011), o currículo pode ser visto como um território de disputa em que diversos grupos atuam para validar certos conhecimentos. Ao promover o contato com determinados textos culturais, o currículo, além de viabilizar o acesso a uma gradativa

[65] Além das influências derridianas e foucaultianas via currículo cultural (NEIRA; NUNES, 2006, 2009), Vieira e Bonetto (2021) apresentam uma possibilidade de compreensão da linguagem a partir de Deleuze e Guattari, com implicações (denominadas no texto de virtualidades) que de alguma forma se conectam com as que apresentaremos na conclusão deste trabalho.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

compreensão dos conhecimentos veiculados, influencia as formas de interpretar o mundo, interagir e comunicar ideias e sentimentos, em suma, de representar. Generalizando sobre as perspectivas filosóficas citadas, o autor indica as relações de poder, os variados usos e conceitos da diferença e as questões de veridicção (saber-poder) produzem indeterminação e incerteza nos processos de significação, logo desestabilizam as noções de conhecimento verdadeiro e atemporal. Outrossim, o conhecimento veiculado por qualquer proposta curricular está intrinsecamente ligado a relações de poder-saber. Resultantes de inúmeros processos de significação, determinados saberes recebem status de verdade, enquanto outros, não. Com efeito, a escola funciona como dispositivo de promoção de certos discursos tomados como verdadeiros, ou seja, ao mesmo tempo que distribui, valoriza e reparte um tipo de saber, exclui outros tantos, modelando o que as pessoas devem pensar.

Ainda nessa concepção, a compreensão da escola como espaço onde a luta pela validação de significados culturais ocorre a todo momento pelo confronto entre a cultura escolar e a cultura popular, entre o conhecimento erudito e o senso comum, entre o verdadeiro e o falso. Em Neira e Nunes (2006), o conhecimento visto pelas teorias pós-críticas de currículo não é exterior ao poder, ele é inerente ao poder. Em sua ênfase na linguagem e nos processos de significação, as teorias pós-críticas não precisam da referência de um conhecimento verdadeiro, baseado num suposto "real". O que fazem, então, é tematizar e problematizar as práticas corporais submetendo à crítica o conhecimento socialmente construído do currículo.

A partir de Neira e Nunes (2009), a Educação Física pós-crítica, ao apoiar-se nos referenciais das Filosofias da Diferença, valoriza a produção, a criação do que ainda não foi pensado, contesta as estéticas canônicas, não se amarra em métodos rígidos e verdadeiros, planos previsíveis e tecnocráticos, descentraliza o poder do conhecimento do professor oriundo da cultura acadêmica e abre as portas para os conhecimentos de outros campos discursivos. Em consonância, Bonetto (2021) descreve que as experiências com a Educação Física inspirada pelas Filosofias da Diferença promovem a veiculação de um tipo de conhecimento tematizado e problematizado e que, por isso, não se trata da transmissão de um pensamento representacional, especialmente quando tais práticas valorizam a criação, o novo e a diferença.

Por fim, consideramos que tais aberturas advindas das Filosofias da Diferença têm provocado alguns efeitos na Educação Física para pensar práticas pedagógicas que não impedem a criação de novos modos de vida. Potencializar a diferença é potencializar essas formas diversas de pensar, criar, atribuir sentido e, consequentemente, de existir.

REFERÊNCIAS

ALVIANO JR., W. **Formação Inicial em Educação Física:** Análises de uma Construção Curricular. 2011. 272f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2011.

BONETTO, P. X. R. ***Esquizo*experimentações com o currículo cultural de Educação Física.** 2021. 336f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BONETTO, P. X. R.; VIEIRA, R. A. G. . Aleturgia do currículo cultural na Educação Física: experiências pedagógicas potencializadoras de subjetividades não-fascistas. **Conexões**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. e021032, 2021.

BORGES, C. C. O. **Governo, verdade, subjetividade:** uma análise do currículo cultural da Educação Física. 2019. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2019.

BORGES, C. C. O.; NEIRA, M. G. Gesto arquivístico e atitude crítica como leitmotiv analítico nas pesquisas educacionais. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 25, e250058, 2020.

CANDIOTTO, C. **Foucault e a crítica da verdade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CEIA, C. **Différance**. 2009. Disponível em: www.fcsh.unl.pt/edit/verbetes/D/différance Acesso em: 19/01/ 2022.

CUNHA JÚNIOR, C. F. F.; MELO, VITOR ANDRADE. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. **Movimento**, ano III, n. 5, 1996.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.

DUARTE, L. C. **Educação Física cultural na Educação Infantil:** imagensnarrativas produzidas com professoras e crianças nos/dos/com os cotidianos de uma EMEI Paulistana. 2021. 384 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo São Paulo, 2021.

KRAEMER, C. Discurso e técnicas de vida: a questão metodológica em subjetividade e verdade. Haveria um Foucault da ética? In: RESENDE, H. (Org.). **Michel Foucault**: a arte neoliberal de governar e a educação. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 45-66.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. Tecnologias de si, 1982. **Verve**, n. 6, p. 321-360, 2004.

FOUCAULT, M. Aula de 7 de janeiro de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no *Collège de France* (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 3-26.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros:** curso no *Collège de France* (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GALLINA, S. F. da S. **Invenção e aprendizagem em Gilles Deleuze**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 2008.

GALLO, S. D. de O. **Diferenças, multiplicidade, transversalidade**: para além da lógica identitária da diversidade. In: RODRIGUES, A.; DALLAPICULA, C.; FERREIRA, S. R. da. **Transposições***:* lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: EDUFES, 2015.

GRAMORELLI, L. C. **A cultura corporal nas propostas curriculares estaduais de Educação Física**: novas paisagens para um novo tempo. 2014. 188f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2014.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: EDITORA 34, 1992.

GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise institucional. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do esporte**.8ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes.** São Paulo: N-1 edições, 2015.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NEIRA, M. G; BORGES, C. C. O. Esquadrinhar e governar: análise das recomendações do CONFEF para a Educação Física escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.43, n.2, abr./jun. 2018.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal.** São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

NUNES, M. L. F. **Frankenstein, monstros e o Ben 10:** fragmentos da formação inicial em Educação Física. 2011. 287 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2011.

NUNES, M. L. F. **A arte do egresso de Educação Física na sociedade globalizada.** 2016. 137 f. Relatório de pesquisa. (Pós-Doutorado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2016a.

NUNES, M. L. F. Afinal, o que queremos dizer com a expressão "diferença"?. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Org.) **Educação Física Cultural**: por uma pedagogia da(s) diferença(s). Vol. 13. Curitiba: CRV, 2016b.

OLIVEIRA, G. N. B. **A trama de um dispositivo curricular no território da formação em Educação Física**: um encontro-acoplamento, uma fratura, esboços de si. 2020. 171 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, G. N. B.; NEIRA, M. G. Contribuições foucaultianas para o debate curricular da Educação Física. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, e198117, 2019.

OLIVEIRA, G. N. B.; NEIRA, M. G. O movimento de um *ethos* profissional em um currículo de formação em Educação Física. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista. v. 17, n. 46. p. 1-21, jul./set. 2021.

PETERS, M. **Pós-Estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEDROSO JÚNIOR, N. C. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. **Encontros de Vista**, Recife, 5(1): 48-59, jan./jun. 2010.

SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença***:* Gilles Deleuze, pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. **Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora UnB, 1998

VIEIRA, R. A. G. **Conceitos em torno de uma Educação Física menor**: potencialidades do currículo cultural para esquizoaprender como política cognitiva. 2020. 1 recurso online (245 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

VIEIRA, R. A. G. BONETTO, P. X. R. Educação Física Escolar na área de Linguagens: virtualidades deleuze-guattarianas. In: MALDONADO, D. T. FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A. **Linguagens na Educação Física Escolar**: diferentes formas de ler o mundo. Curitiba: CRV, 2021.